

O MERCADO MUNDIAL DE ALGODÃO

*Carlos A. Valderrama Becerra*¹

Introdução

O mercado mundial de algodão tem experimentado mudanças dramáticas nas últimas cinco décadas. O consumo do produto mais que duplicou, passando de 7,6 milhões de toneladas em 1950/51 para 19,2 milhões em 1996/97. O processamento industrial da fibra de algodão rapidamente se concentrou nos países em desenvolvimento. Enquanto em 1950/51, 28% do consumo industrial do algodão se concentrava nos países em desenvolvimento, em 1996 está parcela aumentou para 75%. A produção de algodão aumentou com o consumo e enquanto em 1950/51 o algodão era produzido em 47 países, em 1996/97, existem 68 países produtores. Sem dúvida, os ganhos na produção devem ter sido resultado dos ganhos em rendimento, com aumentos de uma média mundial de 233 quilogramas por hectare em 1950/51 para 579 quilogramas em 1996/97. A área mundial dedicada ao plantio de algodão tem flutuado desde 1950/51 entre 2,2% e 2,6% da terra arável mundial.

A produção de algodão pode ser intensiva em capital ou em trabalho, permitindo que a fibra seja produzida em diversos países com diferentes dotações de recursos. Geralmente, produções mais intensivas em capital trazem maiores rendimentos. No entanto, para alcançar rendimentos mais altos, mais importante que o capital e o entendimento do mecanismo de crescimento das indústrias algodoeiras e a sua reação às diferentes condições de desenvolvimento. Novas tecnologias foram desenvolvidas nos últimos cinquenta anos, contribuindo para aumentar os retornos da produção de algodão, e, assim, aumentar rendimentos e melhorar as características físicas da fibra tanto na estrutura de produção intensiva em capital quanto na estrutura intensiva em trabalho. Por exemplo, fertilizantes sintéticos, introduzidos nos anos cinquenta, melhoraram deficiências do solo, o uso de inseticidas aumentou durante os anos sessenta e setenta, minimizando a perda de frutos devido aos insetos. Assim sendo, aumentaram os rendimentos (a introdução de produtos químicos como piretróides contra minhocas em muitos países desde os anos setenta é especialmente significativa).

Como o progresso tem sido dramático desde os anos cinquenta, o mercado mundial de algodão confrontou-se com uma série de desafios durante os anos noventa. O consumo de algodão estagnou entre 1987/88 e 1995/96 em cerca de 18,5 milhões de toneladas e a produção nos anos noventa não tem respondido tão rapidamente quanto no passado aos preços favoráveis.

Em 1990/91, o algodão era a inveja dos outros produtos agrícolas no mercado de commodities. Enquanto o preço da soja, milho, trigo e outros produtos competitivos estavam em um ciclo de declínio, o preço do algodão estava 14% acima da média de preços de longo prazo pelo segundo ano. Apesar do colapso da economia no Leste Europeu e da antiga União Soviética, com o declínio do consumo de algodão nesta região, o consumo ainda se manteve alto e a queda no consumo mundial foi pequena. Além disso; o preço do algodão foi mantido em 1990/91 pela diminuição das exportações do algodão produzido nas repúblicas da

antiga União Soviética na Ásia Central, uma vez que a capacidade para transportar o algodão para os compradores estrangeiros ainda não estava desenvolvida.

Virtualmente, todo o mercado de commodities foi abalado nos anos noventa pela dissolução da União Soviética. Mudanças lentas de consumo, produção e mercado no Leste Europeu e na antiga União Soviética, contribuíram de modo importante para a tendência decrescente nos preços das commodities. Outros fatores reduziram os preços no início dos anos noventa, como a recessão no início da década e a oferta abundante de certos produtos agrícolas. O índice do Fundo Monetário Internacional para produtos não-combustíveis, caiu 8% entre 1988 e 1990 e mais 5,7% em 1991.

Para o mercado de algodão, o impacto do colapso na economia do Leste Europeu e da antiga União Soviética começou em 1991/92. A oferta de algodão não exportado da Ásia Central e os estoques acumulados da antiga União Soviética, tornaram-se disponíveis no mercado internacional. O consumo industrial de algodão, no Leste Europeu e na antiga União Soviética, caiu 786 mil toneladas entre 1989/90 e 1991/92, e os estoques aumentaram 550 mil toneladas durante o mesmo período. Exportações dos países que formavam a antiga União Soviética para o resto do mundo aumentaram de 327 mil toneladas, ou 6% das exportações mundiais, em 1990/91 para 1,8 milhão de toneladas ou 30% das exportações mundiais em 1991/92. Outras mudanças nos fundamentos dos mercados, isto é, mudanças na oferta e demanda, contribuíram com outros cinco centavos de declínio e foram resultado do aumento das exportações líquidas para a China Continental e aumento na produção mundial em virtude dos preços relativamente altos durante as duas safras anteriores. Os outros dez centavos de queda, devem-se aos arranjos do tipo troca de produtos feitos nas recém-formadas repúblicas da Ásia Central; que permitiram a oferta de algodão a preços mais baixos do que os normalmente esperados e a resposta de outros importantes países produtores e exportadores às novas condições de mercado, reforçados pelos subsídios existentes.

Em 1992/93, a média de preços caiu mais cinco centavos, alcançando 58 centavos por Libra. Como resultado da queda nos preços, a produção mundial caiu 2,7 milhões de toneladas em 1992/93 e 1 milhão de toneladas em 1993/94 atingindo 16,9 milhões de toneladas. Com o consumo em cerca de 18,5 milhões de toneladas, os estoques mundiais caíram e os preços responderam, alcançando a média de 94 centavos por Libra na safra 1994/95, um alto recorde. Entretanto, a resposta da produção aos preços mais altos tem sido menor que o normal, devido a problemas climáticos e pestes nos principais países produtores e à falência do setor algodoeiro em diversos países em desenvolvimento, como resultado de um período de preços baixos entre 1991 e 1993, o período mais longo de preços baixos da história recente. Isso é particularmente verdade para a América Latina, onde o setor algodoeiro tem um mercado mais livre e sem programas governamentais de subsídios.

O consumo de algodão parece ter entrado em um novo período de crescimento em 1996/97. O consumo de algodão aumentou 1,9% para atingir 19,2 toneladas em 1996/97. Esse aumento foi o primeiro a ultrapassar a média de 18,2 milhões para 18,8 milhões de toneladas no qual o consumo tinha flutuado desde 1986/87. A produção mundial estava acima do consumo em 1996/97. No entanto, a realização geográfica dos estoques mundiais e a produção escassa tem mantido os preços acima da média.

Os preços mundiais do algodão, como medido pelo índice Cotlook A, têm flutuado nesta safra entre 82 e 77 centavos por Libra, uma média ainda 3 centavos acima da média de preços de 1973. Os preços correntes descrevem uma oferta relativa escassa no mercado mundial. A produção mundial aumentou de 16,9 milhões de toneladas em 1993/94 para 20,2 milhões de toneladas em 1995/96, mas caiu em 1996/97 para 19,5 milhões de toneladas e deve atingir 20,0 milhões de toneladas em 1997/98. Com o consumo mundial aumentando para

19,5 milhões de toneladas (estimadas), o estoque mundial de algodão terá um aumento de 500 mil toneladas, alcançando 9,8 milhões até o final de 1997/98 aproximadamente. Desde 1994/95, os estoques mundiais têm aumentado o suficiente para abaixar a média de preços recorde de 94 centavos por Libra registrado em 1994/95 para 86 centavos em 1995/96 e 79 centavos em 1996/97. De qualquer modo, os preços não experimentaram mais preços para baixo porque a maior parte do aumento no estoque aconteceu na China Continental, enquanto os estoques de fora da China, estimados em 5,2 milhões em 1º de agosto de 1997, são 56% dos estoques mundiais, o mais baixo nível já registrado fora da China. Espera-se que os níveis correntes de preços, mantenham a produção mundial crescendo acima do consumo durante os próximos dois anos e espera-se que os estoques aumentem para 9,5 milhões de toneladas em 1997/98 e declinem para 9,7 milhões de toneladas em 1998/99.

Como resultado, a média do índice COTLOOK A ficará em 79 centavo. por Libra em 1997/98 e 75 centavos em 1998/99.

Demanda

Enquanto o mercado têxtil mundial se recuperava completamente da recessão de 1991-93, a uma taxa média anual de crescimento em 2,6% entre 1993 e 1996, o consumo mundial caiu 100 mil toneladas entre 1992/93 e 1995/96, atingindo 18,6 milhões de toneladas. Como resultado, os ganhos do mercado algodoeiro caíram 2,6%, de 48,2% em 1993 para 44,7% em 1996. Cada queda no mercado tem sido principalmente o resultado dos altos preços relativos do algodão em relação às outras fibras têxteis e a uma gradual redução nos investimentos para a promoção da atividade algodoeira em um bom número de países.

A despeito da perda recente de mercado, o consumo mundial de algodão retomou o crescimento a longo prazo em 1996/97 aumentando 3% para atingir 19,2 milhões de toneladas. Como os maiores obstáculos para o incremento do consumo de algodão tem sido superados, espera-se que o consumo continue crescendo durante as próximas duas safras. Aumentos no consumo estão acontecendo com o desenvolvimento rápido do crescimento da economia mundial. O produto mundial expandiu 4% em 1996 e é esperado um aumento em taxas similares nos próximos dois anos. Além disso, as projeções da ICAC sugerem que o consumo mundial em nível de consumidor final alcançara 20,4 milhões de toneladas no ano 2000 e 22,2 milhões de toneladas em 2005.

Uma característica importante do atual mercado algodoeiro mundial é a interrupção da queda no consumo industrial de algodão, experimentada desde 1989 no Leste Europeu e na antiga União Soviética. Quedas drásticas no consumo desde 1989, nesses locais, impediram que o consumo de algodão e de têxteis alcançasse um maior crescimento nos anos noventa. O consumo de algodão nesses países em 1995/96 foi de 750 mil toneladas, menos de um terço do nível de consumo de 1989/90. Caso o consumo industrial de algodão tivesse permanecido nos níveis de 1989/90, o mundo poderia estar consumindo 21 milhões de toneladas de algodão. O consumo industrial de algodão no Leste Europeu e na ex-União Soviética aumentou timidamente para 763 mil toneladas em 1996/97, o primeiro aumento desde 1989/90, e espera-se que continue a crescer nos próximos dois anos. A reversão da tendência de queda foi o resultado de uma reviravolta nas condições de produção na indústria têxtil/algodoeira na Rússia, que em 1996/97 somou 26% do consumo industrial de algodão nessa região. Dados do Ministério da Economia da Rússia mostram um aumento de 28% na produção de fio no país nos primeiros seis meses de 1997, comparados com o mesmo período de 1996. Portanto, quedas no consumo no Leste Europeu e na ex-União Soviética não compensarão aumentos em outros lugares do mundo este ano, como aconteceu em 1989/90 e 1995/96.

O consumo industrial de algodão em países industrializados caiu 200 mil toneladas, alcançando 3,9 milhões de toneladas em 1995/96. Um aumento de 64 mil toneladas em 1996/97 refletiu a recuperação nos Estados Unidos, onde o consumo industrial de algodão caiu durante o ano anterior, devido à oferta limitada. Com exceção da Austrália, Bélgica, Portugal, Espanha e Estados Unidos, houve quedas em todos os outros países industrializados. Os preços relativamente altos e as quedas no consumo final têm levado as indústrias têxteis, nos países industrializados, a diminuir os níveis de produção desde 1994/95. Quedas no consumo final de algodão não aconteceram apenas porque a produção têxtil doméstica estava comprometida, uma vez que as importações líquidas de têxteis dos países industrializados caíram em 1996 pela primeira vez em seis anos. Espera-se que o consumo industrial de algodão nos países industrializados continue caindo lentamente durante os próximos anos até atingir 3,8 milhões de toneladas em 1999/00 e 3,7 milhões em 2002/03.

Nos Estados Unidos, o consumo industrial de algodão aumentou a uma taxa média anual de 4,7% entre 1980 e 1995, alcançando 2,4 milhões de toneladas em 1994/95. O consumo caiu 100 mil toneladas em 1995/96 como resultado de uma oferta limitada e de um baixo crescimento, mas aumentou para 2,4 milhões em 1996/97. Dez anos atrás, quase todos os analistas nos Estados Unidos concordavam com as projeções do país para a metade dos anos noventa, mostrando estabilidade ou declínio do consumo industrial, mas ninguém previu o aumento de 100% que aconteceu entre 1985/86 e 1994/95. Esse sucesso é resultado de vários fatores. A indústria americana diminuiu os custos e melhorou a qualidade ao investir em novas tecnologias e, mais importante, a preferência dos consumidores americanos por algodão tem aumentado muito. De fato, de acordo com uma pesquisa da ICAC, os Estados Unidos têm sido o único país, onde o mercado de algodão não tem sido fortemente afetado pelos altos preços relativos e espera-se que o consumo continue a crescer nos próximos dez anos. Enquanto os programas de promoção do algodão nos outros países têm sido fortemente reduzidos ou abandonados desde 1990, investimentos na promoção do algodão nos EUA mais que duplicaram entre 1986 e 1994. De qualquer modo, a indústria têxtil algodoeira americana pode ter entrado num período de estabilidade, com aumentos nas importações, principalmente do México e Canadá, os outros dois membros do NAFTA, apresentando maiores aumentos no consumo final. Com altos volumes de importação entrando no mercado americano, a demanda por produtos americanos tem expandido nos mercados exportadores. Exportações de produtos têxteis dos Estados Unidos aumentaram de 664.800 toneladas em 1990 para 1,3 milhão de toneladas em 1995 e 1,5 milhão de toneladas em 1996. Durante o primeiro semestre de 1997, as exportações americanas de produtos têxteis aumentaram 20%, comparativamente ao mesmo período de 1996.

A situação da indústria têxtil na Europa Ocidental continua mostrando sinais de deterioração. O consumo de algodão das indústrias caiu nos últimos dois anos, 88 mil toneladas, atingindo 1,2 milhão de toneladas em 1996/97. A estagnação da demanda doméstica em muitos países europeus explica parte do declínio do consumo de algodão das indústrias (o consumo para uso final do algodão caiu 40 mil toneladas entre 1994 e 1996). Outros elementos que explicam a queda no consumo de algodão das indústrias são os altos custos trabalhistas e exigência de moedas fortes, que têm melhorado grandemente a competitividade das importações de países como Turquia, Índia e Paquistão (apesar do aumento na balança comercial dos produtos têxteis de algodão relativo a 1995, as importações líquidas de produtos de algodão no Leste da Europa aumentaram 50 mil toneladas entre 1994 e 1996). É esperado um declínio no consumo de algodão das indústrias da Europa Ocidental de 1,1 milhão de toneladas em 1999/2000.

Igualmente, no Japão, o consumo de algodão das indústrias continua caindo. Em 1996/97 foi de 300 mil toneladas, menos da metade do nível de consumo de 1990/91, e espera-se que caia para 250 mil toneladas em 1999/2000.

Nos países em desenvolvimento, o consumo de algodão das indústrias aumentou de 14 milhões de toneladas em 1995/96 para 14,5 milhões de toneladas em 1996/97, um aumento de 3,6%. O maior aumento aconteceu na Ásia, onde o consumo de algodão das indústrias aumentou 225 mil toneladas para alcançar 10,9 milhões de toneladas em 1996/97. O segundo maior aumento aconteceu no Oriente Médio e Europa, com 12 mil toneladas de consumo adicional, seguido pela América Latina e Caribe (118 mil toneladas) e África (18 mil toneladas). Espera-se um aumento no consumo industrial de algodão, nos países em desenvolvimento, para 1997 e para os próximos dois anos a uma taxa média anual de 2%, atingindo 15,3 milhões de toneladas em 1999/2000 e 16,5 milhões em 2002/03. Espera-se que os aumentos continuem nas regiões que possuem países em desenvolvimento.

O consumo industrial de algodão na China (continental), o maior país beneficiador de algodão do mundo, tem flutuado durante os últimos doze anos, entre 4,1 e 4,6 milhões de toneladas e desde 1992/93 tem permanecido no limite superior da média de flutuação. As reduções no consumo industrial de algodão durante os anos oitenta foram resultado da reestruturação da indústria de tecelagem planejada pelo governo chinês. Espera-se que o consumo industrial chinês de algodão permaneça em 4,5 milhões de toneladas durante os próximos anos, mas há o fato de que a indústria têxtil chinesa tem aprendido muito sobre as fibras sintéticas. De acordo com uma recente pesquisa daquele governo, os consumidores chineses preferem produtos de puro algodão. A pesquisa sugere que enquanto 50% dos consumidores preferem produtos com 100% de algodão, 21,3% preferem as fibras sintéticas. Apesar da demanda dos consumidores, aumentos nos custos totais tem levado a indústria têxtil a aumentar a produção de algodão misto e de fibras sintéticas nos últimos anos. O algodão permanece como a mais importante matéria-prima para a indústria têxtil chinesa, mas a produção doméstica imprevisível tem criado situações de escassez na oferta do país. Como resultado, o preço pago pelas indústrias tem sido maiores que os preços internacionais desde 1993, comprometendo a lucratividade e o crescimento da indústria têxtil.

Na Índia, o segundo maior país beneficiador de algodão do mundo, o consumo indústria continua aumentando a taxas bem acima do crescimento do consumo mundial. Enquanto o nível mundial de consumo indústria de algodão aumentou 1,9%, o consumo na Índia aumentou 8%, alcançando 2,7 milhões de toneladas em 1996/97. A demanda por produtos têxteis indianos tem sido mantida, principalmente, pela grande quantidade de exportações, em particular, exportações de fios de algodão que, estima-se, cresceram de 262 mil toneladas em 1995 para 402 mil toneladas em 1996. As exportações totais de produtos têxteis de algodão tiveram um aumento de 200 mil toneladas em 1996. Aproveitando-se dos custos de produção relativamente baixos, as exportações indianas tem crescido em outros mercados asiáticos, particularmente na China (Hong Kong), Taiwan, Coreia e Bangladesh. Além disso, há planos de se promover exportações para os Estados Unidos, Canadá e México, assim como para os países da América Latina. Outra vantagem da indústria têxtil Indiana é a disponibilidade do algodão no mercado doméstico. Espera-se que o algodão permaneça uma cultura lucrativa na Índia e que os aumentos de produção nas próximas duas safras possam suprir as necessidades da indústria têxtil. Estima-se que o consumo industrial de algodão na Índia aumente a uma média anual de 4% para alcançar 3 milhões de toneladas em 1999. Caso o consumo industrial de algodão continue crescendo, às taxas médias registradas durante os anos noventa, o país irá beneficiar 5 milhões de toneladas de algodão em 2005/06 e irá desbancar a China (continente) da sua posição de maior país beneficiador de algodão do mundo.

O consumo industrial de algodão no Paquistão caiu 70 mil toneladas, chegando a 1,5 milhão de toneladas em 1996/97. A competitividade do setor têxtil paquistanês tem sofrido o impacto, desde 1993, da queda da safra de algodão, que tem sido afetada por doenças. No

entanto, a área dedicada ao cultivo de algodão aumentou e os agricultores têm aprendido a lidar com o vírus da folha crespa, a principal doença que atinge o algodão no país desde 1993. A produção de algodão esperada para as próximas duas safras é de 1,9 milhão de toneladas, um nível abaixo do recorde de 2,2 milhões de toneladas registrado em 1991/92, mas acima de 1,4 milhão de toneladas registradas em 1993/94. Com a produção a um nível de 1,9 milhão de toneladas, a oferta de algodão aumenta evitando que a indústria têxtil paquistanesa precise de recursos para importar algodão. Apesar dos altos preços no mercado doméstico, o Paquistão apresenta custos baixos na produção de algodão e a oferta doméstica deve alcançar a taxa média anual de crescimento de 2,7% do consumo industrial em 1997/98 e durante os próximos dois anos, atingindo 1,7 milhão de toneladas em 1999/00.

Na Turquia, o consumo industrial de algodão aumentou 10%, atingindo 991 mil toneladas em 1996/97. Como na Índia, a indústria têxtil na Turquia tem se beneficiado da disponibilidade do algodão no mercado doméstico e expandido rapidamente as exportações de produtos têxteis. As exportações na Turquia tem sido beneficiadas, também, pela rápida desvalorização da moeda doméstica (a lira) em relação ao dólar. Em 1994, um dólar equivalia a 38,726 liras e em 1996 um dólar equivalia a 107,775 liras. Espera-se que o consumo industrial de algodão na Turquia aumente a uma taxa média anual de crescimento de 5,2% em 1997/98 e nos próximos dois anos, atingindo 1,2 milhão de toneladas em 1999/2000.

Oferta

Como resultado dos preços terem alcançado altas históricas em 1994/95, a produção mundial de algodão aumentou e chegou a 20,2 milhões de toneladas em 1995/96. Os altos preços fizeram com que a área dedicada ao cultivo de algodão aumentasse para 35,5 milhões de hectares, a área mais alta registrada desde 1952/53. Os preços têm caído desde 1994/95, mas a média vem se mantendo acima de 79 centavos. Apesar dos preços relativos altos, a produção mundial caiu para 19,5 milhões de toneladas em 1996/97. Para efeito de comparação, com preços médios de 82 centavos em 1990/91 e 1991/92, a produção mundial alcançou 20,7 milhões de toneladas. A área mundial dedicada ao plantio de algodão caiu 2 milhões de hectares, chegando a 33,6 milhões em 1996/97, mas a combinação de problemas climáticos e o aumento da dificuldade em conter as pragas em muitos países têm feito com que a safra mundial flutue entre 570 e 590 quilogramas por hectare desde 1994/95. As safras mundiais têm aumentado quase sem parar, a uma taxa de cerca de 8 quilogramas adicionais por hectare ao ano, desde 1950/51. Durante os anos oitenta, as safras mundiais aumentaram de 410 quilogramas por hectare em 1980/81 para 550 quilogramas em 1989/90. Nos anos noventa, entretanto, a produtividade estagnou.

Outro fator que contribui para uma produção deficiente foi a concentração da produção nos países nos maiores. A China (continental), os Estados Unidos, a Índia, o Paquistão, o Uzbequistão e a Turquia, os seis maiores produtores, foram responsáveis por 76% da produção mundial em 1996/97. Em 1990/91 os seis maiores países produtores respondiam por 74% da produção mundial (com o Brasil no lugar da Turquia) e 73% da produção mundial em 1980/81 (com o Brasil e a ex-União Soviética no lugar da Turquia e Uzbequistão). Durante os anos oitenta, como os preços aumentaram, os pequenos e médios produtores puderam responder rapidamente, expandindo a área plantada e/ou aperfeiçoamento a supervisão e manutenção da safra, assim, melhorando a área plantada e a produção. Com os preços do algodão baixos nos anos noventa a os esforços das agências internacionais de financiamento para acabar com os programas governamentais para o setor agrícola nos países em desenvolvimento, uma grande parte dos pequenos e médios produtores desses países saíram do mercado e apenas uma pequena parte, particularmente na África, tem silo capaz de continuar. Um bom exemplo é a América do Sul. Em países como a Colômbia, a produção de algodão é agora menor que a metade da produção do início dos anos noventa e o número de

produtores caiu de 18.218 em 1991 para 6.178 em 1997. A produção de algodão na América Latina flutuou entre 1987/88 e 1991/92 de 1,3 milhão de toneladas para 1,6 milhão. Como resultado dos preços baixos, a produção de algodão na América Latina caiu de 1,3 milhão de toneladas em 1991/92 para 800 mil toneladas em 1992/93. A produção se recuperou parcialmente nos três anos seguintes, alcançando 1,1 milhão de toneladas em 1995/96, devido aos aumentos de produção na Argentina, o único país da região onde a produção foi capaz de se recuperar e se beneficiar dos altos preços do algodão. Mesmo com o aumento na produção argentina, a América do Sul tem importado algodão desde 1992/93.

Com os preços correntes do algodão mantendo-se acima da média de longo prazo de 73 centavos, durante os próximos dois anos, espera-se que a produção mundial continue expandindo, mas sem chegar perto do nível recorde de 20,7 milhões de toneladas estabelecido em 1991/92, antes de 2002/03. Tudo indica que a produção mundial deve alcançar 19,6 milhões de toneladas em 1997/98, 19,8 milhões de toneladas em 1998/99 e aproximadamente 20 milhões em 1999/2000. Preços maiores que a média são esperados para manter a área de cultivo de algodão perto de 35 milhões de hectares, o limite superior da média de flutuação da área de plantio mundial estabelecida desde 1950. Problemas como doenças e pragas resistente a pesticidas continuarão, provavelmente, afetando as safras durante o final dos anos noventa, mantendo a produção crescendo o suficiente para abaixar à média do índice Cotlook A abaixo de 70 centavos por libra.

Na China (continental), como resultado das safras recordes terem se tornado possíveis com a implementação, pelas autoridades chinesas, de programas de combate às peste que afetaram as colheitas durante os três anos anteriores, a produção de algodão alcançou 4,8 milhões de toneladas em 1995/96. Em 1996/97, caiu como consequência de uma redução de 700 mil hectares de área, alcançando 4,7 milhões de hectares. Desde 1995/96, os preços dos cereais têm aumentado nesse país, mas os preços do algodão não. Além disso, os pagamentos para os produtores na forma de notas promissórias no lugar de dinheiro são a outra razão da queda na área cultivada. A safra média anual de algodão na China (continental) estava 10% acima da média dos anos noventa em 1996/97. A resistência aos pesticidas entre as populações de pragas continua a ser um problema na produção das regiões leste e central. Conseqüentemente, há limitada liberdade para aumentos substanciais na safra média chinesa para compensar queda na área. Em 1997/98, a área cultivada com algodão na China (continental), caiu mais 4,3 milhões de hectares e, como resultado, deve haver uma queda na produção para 3,8 milhões de toneladas. Espera-se que o país permanecerá importando algodão nos próximos anos, embora os grandes estoques acumulados durante os três últimos anos venham diminuir o seu nível.

Nos Estados Unidos, os subsídios do governo e a produtividade maior que a média sustentaram a produção, quando os preços declinaram. Em 1992/93 ela caiu para 3,5 mil com relação a 3,8 milhões de toneladas em 1991/92. Em 1993/94, com substanciais aumentos de área, a produtividade sofreu uma queda, devido às pragas e a problemas climáticos, assim a produção permaneceu no mesmo nível. Os preços altos aumentaram a produção para um recorde de 4,3 milhões de toneladas em 1994/95. No entanto, apesar do aumento de 1 milhão de hectares de área cultivada em 1995/96, problemas climáticos em alguns estados produtores e pestes em outros diminuíram a produtividade de 794 quilogramas por hectare em 1994/95 para 602 quilogramas em 1995/96, e a produção atingiu 3,8 milhões de toneladas. Em 1996/97, a produção aumentou para 4,1 milhões de toneladas, com uma combinação de safra próxima do recorde e 5,2 milhões de hectares plantados, 1,3 milhão a menos que em 1995/96. Preços maiores que os preços médios poderão manter a área corrente de produção, e a produtividade deve ficar pouco acima da média de cerca de 730 quilogramas por hectare nas próximas safras, à medida que os produtores que começaram a plantar nos anos noventa adquiram

experiência. Como resultado, espera-se que a produção permaneça em 4 milhões de toneladas até o ano 2000.

A safra paquistanesa ficará abaixo do recorde de 2,2 milhões de toneladas registrada em 1991 durante os próximos anos, devido ao incremento no uso de variedades resistentes ao vírus da folha crespa, com rendimentos menores. A produção esperada no Paquistão está entre 1,8 e 1,9 milhão de toneladas para esta safra e as próximas duas. A safra Indiana, que registrou um impressionante aumento de 2,1 milhões de toneladas em 1993/94 para 3 milhões em 1996/97, cairá para 2,8 milhões de toneladas e permanecerá neste nível nas próximas duas safras, devido à baixa nas colheitas e à competição com outros produtos. A produção do Uzbequistão era de 1,1 milhão de toneladas em 1996/97, e safras parecidas são esperadas para os próximos dois anos. O governo do Uzbequistão espera estabilizar a área plantada em 1,5 milhão de hectares e as colheitas em cerca de 800 quilogramas por hectare. A produção na Turquia caiu 67 mil toneladas alcançando 784 mil toneladas em 1996/97, como resultado tanto da queda na área plantada quanto na safra. Espera-se que a área cultivada permaneça em cerca de 1,1 milhão de hectares durante os próximos dois anos e, se as condições climáticas estiverem normais, a produção possa aumentar para cerca de 850 mil toneladas em 1999/2000, nível de produção registrado em 1995/96.

A produção nos outros países, que não estão entre os seis maiores produtores, ajustou-se apenas gradualmente aos preços altos e alcançou 4,8 milhões de toneladas em 1995/96, 400 mil toneladas a menos que em 1990/91. Os aumentos mais importantes desde 1992/93, aconteceram na Argentina, Austrália e países africanos de língua francesa. Principalmente como resultado da baixa produtividade, a produção nos outros países caiu para 4,7 milhões de toneladas em 1996/97. No entanto, espera-se uma média de preços acima de 80 centavos como consequência do aumento da área plantada e a produção é projetada em 5,3 milhões de toneladas em 1999/2000.

Preços

O principal fator determinante de preços e a disponibilidade de oferta nos mercados com relação à demanda, medida pelos estoques como uma produção do consumo industrial. Um modelo simples de uma equação, que explica os preços como uma função dos estoques, e conhecido na economia como uma função de oferta e demanda invertida. Esse tipo de modelo explicou os preços do algodão muito bem, anteriormente à metade da década de setenta, antes da China (continente) integrar sua economia à economia do resto do mundo e o mercado chinês de algodão afetar o mercado mundial. A China (continental) representa cerca de um quarto do mercado mundial de algodão e a dinâmica do seu mercado é diferente da dinâmica dos outros países. Por essa razão, o modelo aconselhado pelo ICAC para fazer projeções de preços de algodão, como medido pelo índice Cotlook A, isola o impacto da China (continental) na proporção dos estoques do resto do mundo.

Além disso, o modelo leva em conta mudanças nas expectativas de mete com um conjunto de três variáveis: a variável que reflete o impacto das transações de troca na Ásia Central, um fator que vem afetando os preços do algodão desde a desintegração da União Soviética em 1991; o diferencial de preços no mercado futuro de Nova York entre fevereiro (quando as decisões de plantio são tomadas no hemisfério norte) e novembro (o mês mais próximo da expiração dos contratos futuros em dezembro) com um ou dois anos de defasagem, e, finalmente, o saldo da produção mundial menos o consumo.

O comércio chinês e o nível dos estoques para uso no resto do mundo explicam o impacto dos fundamentos de oferta e demanda sobre os preços do algodão e são cruciais para

a sua previsão. No entanto, o nível das importações chinesas brutas de algodão permanece a variável mais difícil de se prever.

Descontando-se as dificuldades normais para prever a produção e o consumo de algodão, o conhecimento fragmentado sobre o mercado chinês da fibra, muitas vezes impede os analistas de montar as peças com informações sobre a China (continental), pela dimensão e complexidade do seu mercado. Baseado nos rápidos aumentos nos estoques relativos para consumo nesse país, era esperado, em setembro de 1996, que as importações chinesas de algodão caíssem de 663 mil toneladas em 1995/96 para 200 mil toneladas em 1996/97. No fim, os estoques chineses acumulados mais as importações, ao invés de caírem, aumentaram para 787 mil toneladas em 1996/97. Outra fonte de dificuldades vem da dinâmica do mercado. Os estoques chineses podem parecer muito altos para quem vê de fora. No entanto, o setor têxtil tem sido um setor economicamente estratégico na China desde que o país começou a comerciar ativamente com o Ocidente em meados da década de setenta. O algodão continua sendo uma importante commodity, e as exportações de fios e tecidos combinadas aumentaram 720 mil toneladas em 1986 para 870 mil em 1996. Com a produção doméstica flutuando e a burocracia sem disposição para transportar rapidamente o algodão do campo para os armazéns e dos armazéns para as indústrias, aumentar o nível dos estoques constitui uma maneira de assegurar a produção têxtil. A política não é tão cara quanto parece, uma vez que os custos de armazenagem na China são uma fração dos custos de armazenagem nos outros países.

Os estoques na China (continental) aumentaram de 2,8 milhões, ou 38% dos estoques mundiais, em 1995/96, para 3,7 milhões de toneladas, ou 43% dos estoques mundiais em 1996/97. Em 1997/98, os estoques iniciais desse país estão estimados em 4,1 milhões de toneladas, ou 44% dos estoques mundiais. Os estoques da China são suficientes para suprir o consumo interno por 11 meses ou o consumo mundial por 4 meses. Pesquisas chinesas indicam que o preço pago pelas indústrias pelo algodão doméstico com fibra de tamanho básico tem sido descontado em 4% em 1997 pelas autoridades do governo preocupadas com o alto nível dos estoques. Além disso, fontes do governo sugerem que os preços pagos pelas indústrias podem ser reduzidos, novamente em 1998, incluindo mais descontos e uma redução no imposto sobre o algodão adquirido pelas indústrias. Com os preços de entrega nas indústrias do algodão básico estimados em 90 centavos de dólar por libra em 1997, e os preços internacionais, como calculado pelo índice Cotlook A, atingindo 79 centavos por libra, o algodão estrangeiro permanece atraente para as indústrias chinesas habilitadas para efetuar importações.

Estima-se um aumento no consumo industrial de algodão na China de 100 mil toneladas para alcançar 4,6 milhões de toneladas em 1997/98. Igualmente espera-se que a produção permaneça em 4,2 milhões de toneladas. Com uma redução esperada de 100.000 toneladas nos estoques, a China (continental) ainda acumulará 42% do estoque mundial de algodão e as importações chinesas cairão 387.000 toneladas, alcançando 400.000 toneladas em 1997/98.

Uma queda de cerca de 50 mil toneladas nas importações chinesas líquidas diminui as previsões de média anual do índice Cotlook A em 1%. Do mesmo modo, um aumento de 1% nos estoques para uso em relação ao resto do mundo diminui as expectativas de preços em 1 centavo. A expectativa de queda nas importações chinesas está pressionando os preços do algodão cerca de 6 centavos para baixo nesta safra, enquanto os estoques para uso no resto do mundo estão pressionando os preços para baixo em 1 centavo. Expectativas de preços, como explicado pelo modelo do ICAC, mais que compensam as pressões para baixo dos preços das importações chinesas, e a proporção dos estoques para uso no resto do mundo resulta em 79 centavos previstos para 1997/98. A previsão não é exata, mas tem um intervalo

de 95% de confiança para mais ou para menos de 4,5 centavos, o que fez com que esta previsão não seja estatisticamente diferente dos 79,6 centavos médios do índice Cotlook A em 1996/97. No entanto, certamente, como no passado, mudanças nas importações líquidas da China serão incorporadas nos níveis de preços internacionais. O comportamento dos preços do algodão na última safra confirma as previsões correntes. O índice Cotlook A atingiu em média 79 centavos entre 01/08/97 e 02/10/97, comparados com 76 centavos durante o mesmo período na última safra.

Traduzido por:
Ana Georgina da Silva Dias – Secretaria de Política
Agrícola – MA

OFERTA E DISTRIBUIÇÃO DO ALGODÃO 10 de Outubro de 1997

	1993	1994	1995	1996	1997	1998
				Est.	Proj.	Proj.
	Milhões de Toneladas					
ESTOQUE MUNDIAL						
TOTAL MUNDIAL	8,598	6,909	7,270	8,684	9,25	9,46
China (Continental)	2,953	2,102	2,788	3,714	4,10	3,94
EUA	1,015	0,769	0,577	0,568	0,86	0,96
Exportadores Líq.	3,906	3,194	2,898	3,400	3,71	4,12
Importadores Líq. ⁽¹⁾	4,692	3,716	4,372	5,284	5,54	5,34
PRODUÇÃO						
TOTAL MUNDIAL	16,889	18,701	20,248	19,505	19,65	19,80
China (Continental)	3,739	4,342	4,767	4,203	3,80	4,00
EUA	3,513	4,281	3,897	4,124	4,01	3,97
Índia	2,095	2,355	2,754	3,000	2,80	2,71
Paquistão	1,368	1,479	1,886	1,615	1,90	1,86
Uzbequistão	1,358	1,248	1,254	1,062	1,18	1,20
Turquia	0,602	0,628	0,851	0,784	0,76	0,80
Outros	4,214	4,369	4,839	4,717	5,20	5,27
CONSUMO						
TOTAL MUNDIAL	18,534	18,559	18,643	19,205	19,43	19,65
China (Continental)	4,600	4,500	4,500	4,600	4,50	4,50
Índia	2,160	2,279	2,536	2,729	2,87	2,92
EUA	2,268	2,438	2,318	2,422	2,42	2,36
Sud. Ásia & Austrália	2,299	2,189	2,217	2,170	2,06	2,04
EU & Turquia	1,898	2,050	2,036	2,120	2,13	2,20
Paquistão	1,583	1,508	1,602	1,530	1,60	1,65
Eur. Ori. E Ex-URSS	1,089	0,956	0,750	0,768	0,83	0,84
Brasil	0,834	0,818	0,817	0,835	0,84	0,91

Outros	1,802	1,821	1,867	2,031	2,18	2,24
EXPORTAÇÃO						
TOTAL MUNDIAL	5,917	6,305	6,005	5,907	5,90	6,21
EUA	1,494	2,047	1,671	1,495	1,50	1,55
Uzbequistão	1,288	1,250	0,940	1,042	1,05	1,04
Francophone África	0,520	0,614	0,618	0,721	0,82	0,82
Austrália	0,367	0,293	0,308	0,530	0,54	0,53
Argentina	0,069	0,208	0,261	0,285	0,27	0,31
Grécia	0,175	0,265	0,325	0,192	0,18	0,24
China (Continental)	0,166	0,040	0,005	0,002	0,01	0,02
IMPORTAÇÃO						
TOTAL MUNDIAL	5,765	6,536	5,883	6,148	5,90	6,21
Sude. Ásia & Austrália	2,225	2,140	2,181	2,059	1,97	1,97
EU & Turquia	1,231	1,250	1,140	1,242	1,24	1,33
China (Continental)	0,176	0,884	0,663	0,787	0,55	0,45
Eur. Orient. E Ex-URSS	0,840	0,847	0,603	0,547	0,62	0,63
América do Sul	0,542	0,477	0,512	0,623	0,61	0,66
Balanco Comercial ⁽²⁾	-0,152	0,231	-0,122	0,241	0,00	0,00
Estoques de Ajust. ⁽³⁾	0,108	-0,012	-0,070	0,023	-0,01	-0,01
ESTOQUES FINAIS						
TOTAL MUNDIAL	6,909	7,270	8,684	9,248	9,46	9,61
China (Continental)	2,102	2,788	3,714	4,101	3,94	3,87
EUA	0,769	0,577	0,568	0,865	0,96	1,02
Export. Líquid. ⁽¹⁾	3,194	2,898	3,400	3,710	4,12	4,33
Import. Líquid. ⁽¹⁾	3,716	4,372	5,284	5,539	5,34	5,27
	0,35	0,38	0,40	0,41	0,41	0,41
ESTOQUES FINAIS/EUA E ⁽⁴⁾						
COTLOOK A INDEX ⁽⁵⁾	70,60	94,30	85,61	78,60	83 ^(*)	80 ^(*)

m) Inclui Brasil, China, Colômbia, México, Turquia e importadores tradicionais, exceto a Grécia.

n) A inclusão de linters e restos, mudanças no peso durante o trânsito, diferenças no período das informações, e erros de contas para diferenças entre exportações e importações mundiais.

o) Diferença entre os estoques calculados e os reais; quantidades para períodos futuros são antecipadas.

p) Mundo menos estoques finais da China, quantidades dividida pelo mundo menos consumo da China.

q) Cents de dólar por libra. O resultado do modelo para 1997/98 é baseado no líquido da China, índices de estoques mundiais menos China, trocas diretas (barter trade) na Ásia Central.

^(*) 95% de intervalo de confiança estende 9 centavos por libra para 1997/98 e 15 centavos para 1998/99 acima e abaixo de cada ponto estimado.

REFERÊNCIAS

ICAC, Cotton: Review of the World Situation, Vol. 51-1, September-October 1997.
ICAC, Cotton: World Statistics, October 1997.
ICAC, World Textile Demand, October 1997.
FAO and ICAC, The World Cotton Market: Prospects for the Nineties, 1993.
Carlos A. Valderrama Becerra, Incorporating Expectations into the ICAC Model of Cotlook A Index, in Cotton: Review of the World Situation, Vol 46-6, July-August, 1993.
Lu Qingde, China Textile Market Analyses, Review of 1996, in JTN Monthly, June 1997 N° 511 p. 56.

(*) Economista do International Cotton Advisory Committee (ICAC), Washington DC.